

Introdução

O trato com as diferenças. Diferenças identitárias. Culturais, sociais, políticas e econômicas, de classe. Sexuais e étnicas. Religiosas. Eis um dos grandes dramas do mundo contemporâneo. Um mundo embalado por uma globalização que, em tese e só em tese, aproxima as culturas ao mesmo tempo em que rechaça o sentimento de coesão e unidade, e que foi reconfigurado politicamente, desde as últimas décadas do século passado, levando ao repensar, principalmente do Ocidente, acerca dos rígidos conceitos de *fronteira*. Não apenas fronteiras territoriais dos Estados nacionais vistas politicamente, mas também fronteiras difundidas no meio sociocultural, até então caracterizadas pela dicotomia, pelo dualismo rígido e excludente, estanque e maniqueísta. Este processo de globalização surge acompanhado de um capitalismo metamorfoseado, cibernético, pautado pela interconexão e pela interatividade progressivas.

Este quadro, se visto em toda a sua complexidade, dá margem a uma leitura que rompe com concepções fixas e historicamente consagradas, inclusive aquelas que compreendiam o sujeito de forma unificada. As mídias interativas, como as redes de informações através da *net*, acentuam este processo de exacerbação do fragmento, que, por um lado, é capaz de mesclar níveis até então tidos como inconciliáveis, e, por outro, induz a um certo relativismo infinito e inverossímil. O tempo presente passou a ser instantâneo, confundindo passado e futuro. As antigas e tradicionais identidades, homogêneas e compactas, entraram em declínio, e novas outras emergiram, embora o pano de fundo desse cenário, mesmo com as cores da mutação, continue a apresentar a *velha e clássica* fórmula de dominação capitalista que visa o lucro e a mais-valia. Esta emergência de identidades leva às mais diversas formas de comunidades urbanas, movidas e criadas pela afetividade e pelos mais variados motivos – duradouros ou transitórios, artificiais ou não, sólidos ou frágeis, induzidos ou espontâneos.

A perda do centro e da coerência induz à *narrativa* que prioriza a descontinuidade em detrimento da continuidade, colocando em discussão, ou quiçá em xeque, o próprio conceito de utopia (que pressupõe um *happy end* com a inclusão de *todos*, com começo-meio-e-fim e futuro previsível).

Por certo, o espaço virtual criado nas redes informacionais aproxima as pessoas e impõe uma revisão da noção de *presença física*, agora sob a ótica do chamado *tempo real*, tendo por conseqüência a perda da corporalidade denunciada por Frederic Jameson. Por outro lado, a decadência do ideal utópico e a prosperidade da globalização econômica que leva à abertura das fronteiras, acrescida da fragilidade que tomou conta do conceito de *nação*, facilitam e estimulam o auto-exílio, a imigração, digamos, *corpórea* do indivíduo contemporâneo, que, agora “descentralizado” e “desnortado”, pode migrar de um lugar para outro, de um país para outro, sem se deparar com barreiras intransponíveis barreiras, sejam territoriais, psicológicas ou culturais. Com isso, mistura culturas, e confunde, e expõe diferenças e estranhezas.

Este cenário tem como premissa o naufrágio da tradicional visão que elegia a classe social como parâmetro norteador das relações em sociedade, sob a ótica de uma homogeneidade, tanto subjetiva, como coletiva. *Homogeneidade* hoje questionada. E, de fato, o mundo ficou complexo demais para ser pensado na sua totalidade. Por outro lado, não se pode dizer que ele deva ser relativizado e fragmentado ao infinito – inclusive no tocante às questões socioeconômicas. A versão consagrada de um mundo dividido simplesmente em classes explicitamente delineadas em torno da relação capital-trabalho, e limitado a elas, não tem mais, *per se*, a abrangência suficiente para abarcar a multiplicidade de aspectos que envolvem a análise dos litígios sociais e culturais. Em contrapartida, a condição socioeconômica ainda influencia. Afinal, não obstante as evoluções tecnológicas, o processo de globalização e o fim do *sonho*, o homem continua explorando o homem, e o embate capital-trabalho permanece como mola-mestra propulsora do mundo capitalista.

A partir de tais premissas, sustento, nesta dissertação, a posição de que se, por um lado, a análise *exclusivamente* econômica é insuficiente para a leitura da cena contemporânea (que compreende uma gama de outros fatores, inclusive e particularmente culturais), por outro, ela não pode ser simplesmente desprezada ou descartada como se irrelevante fosse.

O migrante da periferia que procura a inserção na cultura do país desenvolvido (ou *rico*, se abandonarmos o eufemismo) sofre as conseqüências desta realidade, envolvido por uma teia que, apesar de complexa, termina por

induzir a uma visão binária – e equivocada - que propõe uma oposição entre pós-modernidade e nacionalismo: aquela, a *pós*, representaria a “lógica cultural” do capitalismo no Primeiro Mundo; enquanto este, o alegórico nacional, teria o papel de símbolo cultural de resistência nacionalista dos países do Terceiro Mundo. Trocando em miúdos: o imigrante da periferia seria o nacionalista segregacionista, e o nativo do país desenvolvido o cosmopolita tolerante.

Este tipo de oposição soa como falsa – ou como farsa. O nacionalismo não é, em si, o antagonista da pós-modernidade. Queiramos ou não, a figura do Estado-nação, mesmo hoje mais vulnerável que ontem, não desapareceu por completo. Ao contrário, persiste no imaginário e na formação identitária, tanto para o estrangeiro, como para o nativo – às vezes, ela usa as vestes xenóforas; outras vezes, seu traje é de resistência; outras vezes, ainda, serve simplesmente de fonte para a aquisição de certos direitos.

Daí, em busca de um hibridismo utópico, um certo *entre-lugar* – em busca, enfim, de uma utopia que jurava estar em desuso -, este migrante corre o risco de tornar-se um simples errante, andando a torto e a direito, sem rumo, sem saber ao certo quem é, e sem trabalho (ou sem trabalho digno e decente). De olho numa transculturação, vê-se envolvido num processo que pode ir da assimilação e adesismo à aculturação; quando não é, simplesmente, descartado, excluído, marginalizado.

O nômade pós-moderno – que pretende simbolizar, a figura do *homem traduzido*, tal qual definido por Stuart Hall (em *A identidade cultural na pós-modernidade*) - possui ombros duplamente drummondianos, pois carrega consigo, pelo menos, dois mundos, duas casas – e deve negociar com todos e com todas -, como parte do processo de (sua) formação identitária. Enfim, um homem *traduzido* e não *tradicional*, capaz de se posicionar numa espécie de terceira margem do rio, por mais mágico que possa ser esse conceito.

A partir daí, torna-se interessante verificarmos os reais efeitos da chamada “crise de identidade”, e as diversas identidades culturais e urbanas oriundas dessa crise, considerando, particularmente, a hipótese do afloramento, e não do soterramento, das diferenças, como forma de tornar transparente e sincera a negociação e a permuta, tornando possível a realização plena do estágio de hibridação e de *transdiferença* – afastando, assim, a idéia de uma terceira margem

mágica e, quiçá, inalcançável, dando lugar à hipótese, difícil mas viável, do entre-lugar.

Proponho, então, em torno deste imbróglio, certas reflexões críticas.

Pela extrema riqueza e abrangência do conto de Clarice Lispector, decidi abrir a dissertação citando *A menor mulher do mundo*, uma citação quase a título de ilustração, mas que não perde de vista a complexidade conferida pela narrativa da magnífica escritora a um encontro entre seres tão diferentes, tão díspares e tão desconhecidos um do outro. Estamos falando do francês Marcel Pretre e da pequenina Pequena Flor. Ele, tido e havido como um poderoso explorador; ela, uma pigméia vista pelo outro, o explorador, como um objeto estranho, peculiar, exótico, mas que de repente, não mais que de repente, transparece vida - e se recusa a ser devorada. Com isso, resiste. Realça e faz emergir as diferenças. Incomoda. Sobrevive.

Passo, no capítulo seguinte, a observar o enfoque de Tzvetan Todorov, no seu *A conquista da América – A questão do outro*, para ver outras diferentes formas de se lidar com a alteridade, resolvida, não raro, pelo simples extermínio do “outro” (ali, frise-se, o *outro* ainda era lido de forma homogênea e singular; o próprio Todorov, posteriormente, na mesma linha de outros teóricos, reconfigurou esse conceito e constatou a existência, num só sujeito, de uma certa heterogeneidade – logo, de *outros*¹). Mesmo ressaltando este binarismo – um e o *outro* – é bastante interessante notarmos o trato dado àquele encontro, ocorrido lá por volta do século XVI, conquistadores numa ponta e nativos na outra. Podemos ver que, ali, naquela conquista, a *solução alternativa* ao extermínio aparece pela via da subserviência – e nesse ponto é possível vislumbrarmos uma certa atualidade. A mesma sensação de que o tema é presente aparece quando Todorov nos mostra que, de uma ou de outra forma, muitos daqueles “outros”, nativos e estrangeiros, tentaram trilhar na contramão da lógica do *status quo* então vigente, sempre em busca do espaço-meio ideal. Procurei, então, destacar figuras partícipes desta “Conquista” que traçaram, ou almejaram traçar, esse caminho.

Séculos depois, dias de hoje, esta idealizada possibilidade – a do espaço-meio - permanece sendo o objeto de desejo dos mais diversos migrantes,

¹ A primeira edição de *A conquista da América*, com o subtítulo *A questão do outro - La Question de L'Autre* - é datada de 1983; posteriormente, em 1989, Todorov lançou outra obra imprescindível, *Nous et les autres*, revendo conceitos sobre o não-mesmo.

pretendida por muitos e alcançada por poucos. Por um lado, realizada (supostamente) por muitos intelectuais periféricos, incluindo os próprios aqui citados Stuart Hall e Tzvetan Todorov, cujos posicionamentos e pensamentos revelados em seus escritos teóricos levam a crer que estão próximos do *sonho* ou da *utopia* – aqueles tidos como acabado e finda, respectivamente; por outro lado, podemos perceber que para a grande maioria dos demais trabalhadores migrantes da periferia essa mesma possibilidade é negada, não passa de mera suposição quase inverossímil.

Seja lá como for, é certo que, nos dias de hoje, tanto um como o outro - tanto intelectuais como trabalhadores braçais -, os migrantes oriundos do Terceiro Mundo ou da outra margem do Ocidente, reclamam para si o mesmo estado ideal, quase mágico, de mistura e respeito mútuo na relação estrangeiro-nativo. A dificuldade consiste, porém, em realizar um estado de coisas que inspire a diferença sem que ela degenere em superioridade/inferioridade, como, aliás, bem ressaltou o próprio Tzvetan Todorov, na sua citada obra.

Frise-se, ainda, que o “quadro geral das diferenças” não se restringe ao migrante periférico, mas compreende pluralidade de identidades, incluindo questões étnicas, políticas e socioeconômicas, pois, como dito, as *fronteiras* rompidas não se limitam às territoriais. Pois bem, para uma leitura deste quadro, incluindo ainda questões que enfocassem momentos políticos e culturais marcantes especificamente da história brasileira, lancei mão do filme *Quase dois irmãos*, de Lucia Murat.

A luz que o filme lança sobre fatos da nossa história serve de alavanca para os propósitos desta dissertação, notadamente quando o assunto é a tão cantada e decantada cordialidade brasileira.

O enredo do filme atravessa três momentos politicamente relevantes para o país – 1957, 1970 e 2004 – e nos permite avaliar as dimensões de uma certa zona cinzenta que permeia encontros marcados pela distinção étnica e social, prejudicando, muita vez, a negociação plena, pois maculada pela dúvida e pelo dilema – que, na trama cinematográfica, chamo de *dilema de Jorge*. Sublinho, ainda, especificamente, a música que toca (ou que poderia ter sido tocada) no filme, como uma forma de complementar a narrativa, auxiliando na leitura crítica

do panorama social, incluindo suas desigualdades, de cada um daqueles momentos históricos.

Tais desigualdades sociais – ao fim e ao cabo, herança do capitalismo da modernidade – acrescidas da multiplicidade identitária (aflorada juntamente, e não coincidentemente, com o capitalismo pós-industrial) dão margem ao surgimento das *comunidades afetuais*, as tribos urbanas conceituadas por Michel Maffesoli, destacadas no capítulo II.9 deste trabalho, exatamente por conjugarem elementos da modernidade e da pós-modernidade, o cerne da abordagem proposta na presente dissertação.

E é neste ponto que insisto nas minhas ressalvas quanto à idealização do homem traduzido, que, apresentado como novidade, parte de uma questionável premissa: a de que haveria um rompimento definitivo entre dois momentos, a modernidade e a pós-modernidade, com reflexos decisivos nas mais diversas áreas, da política à economia, passando pela cultural, filosófica e sociológica.

Tendo este ponto de vista como alicerce, prendo a minha atenção a dois dos ícones dos estudos teóricos da pós-modernidade: as comunidades ou tribos urbanas e o migrante da periferia. Colocados na mesa como novidades típicas da *pós*, ambos apresentam caracteres inerentes a outra figura bem mais antiga, ainda dos tempos modernos, o nosso velho conhecido *homem cordial*.

As urbanas comunidades afetuais são formadas a partir de elos *emocionais*, e, quando adotam linguagem e certos códigos próprios e particulares, apresentam um certo distanciamento com o *público comum*. O migrante contemporâneo, por sua vez, caminha numa corda-bamba situada nos limites da formalidade e da informalidade, da legalidade e da ilegalidade, invoca hibridez e faz uso da máscara, do disfarce. Máscara que admite contornos de personalidade, até como forma de sobrevivência, num desenrolar, numa roda-viva, que pode adquirir motivos dramáticos num sistema excludente, no qual o migrante acaba por encontrar os “seus” e, com eles, forma também comunidades afetuais, tribos urbanas, quando não guetos urbanos e marginais. São marcas, enfim, do *homem traduzido*, mas curiosamente encontradas, também, na composição do *homem cordial* brasileiro, figura da modernidade consagrada por Sérgio Buarque de Holanda.

Diante deste paralelo, onde destaco, entre um e outro, a similitude de genes (mistura, hibridismo, emocionalidade, pessoalidade, desregramento, máscara), sustento - amparado em Sergio Paulo Rouanet - a posição de que inexistente ruptura entre duas épocas – modernidade e modernidade tardia. Ruptura aqui, frise-se, vista como algo definitivo e estanque, que separa o *antes* e o *depois* – hipótese euforicamente propagada por alguns respeitáveis estudiosos contemporâneos. Neste passo, defendo que esta não-rescisão não se limita ao campo econômico, vez que esse, diante da abrangência e complexidade das relações sociais, estende seus tentáculos até as mais diversas áreas, culturais inclusive. Apesar da empolgação contagiante com o momento chamado *pós*, o fato é que vivemos, atualmente, com os resquícios e os prolongamentos (e as evoluções) de um, digamos, “momento anterior”, considerando, principalmente, que o sistema motor e econômico, norteador das relações sociais, continua o mesmo, ainda que metamorfoseado.

Esta posição resta explicitada no capítulo I.6.

A vinculação ente estes dois momentos e a existência de tais prolongamentos, a não-rescisão enfim, podem ser vislumbrados através da forma de narrar e da narrativa da modernidade e da pós-modernidade. Neste passo, sirvo-me, particularmente, de algumas obras literárias e do cinema, cujas análises têm por objetivo reforçar e referendar o ponto de vista aqui esboçado.

Néstor Garcia Canclini anuncia que é nas grandes cidades, agora dilaceradas pelo crescimento ininterrupto e por um multiculturalismo conflitante, que podemos perceber o declínio das metanarrativas históricas, das utopias que imaginaram um desenvolvimento humano ascendente e coeso através do tempo. Questiona ele, então, se, nesse cenário dominado pela desconexão, atomização e falta de sentido, podem existir histórias. E, diante da corrosão de um foco organizador – mapas que ordenavam os espaços e davam um sentido global aos comportamentos -, se será possível narrar, de forma linear e coerente, a cidade e seus cidadãos.

A partir das indagações de Canclini, podemos concluir que, de fato, a narrativa do século XIX revelava espanto e entusiasmo com o novo, com as novidades, e congelava o instante, o panorama e os detalhes do dia-a-dia, explicando as diferenças sociais. Havia ali, naquela visão, um centro histórico e

nacional, situado num mapa urbano coerente e lógico, pronto para ser flanado - referências tidas então como estáveis, e que, hoje, estão se desvanecendo. Hoje, ao revés, diante dos vários mapas, dos vários sujeitos e das várias cidades, prevalece a simultaneidade e a dispersão.

Abro, então, capítulos específicos para estudar estas formas de narrar o social e o multiculturalismo. Escolhi alguns autores e personagens. A começar pela narrativa explicativa, lógica e denunciadora de João do Rio e de Lima Barreto que passeia pelas mazelas sociais da modernidade. Percebi, também, um certo passeio revelador das chagas urbanas, só que atuais, na narrativa inconstante, irregular, sobreposta e fragmentada de Luiz Ruffato. Ao mencionarmos *chagas e mazelas sociais*, fica impossível não falar em Rubem Fonseca, autor urbano – e contemporâneo - por excelência, que também conduz o leitor a um passeio pelos meandros da cidade, e o faz de forma que choca e causa perplexidade pela crueza da narrativa, como no conto *O Cobrador*. Voltando mais no tempo, para falar do uso privado da coisa pública que leva à superação da formalidade pela informalidade e pela pessoalidade, procurei as “espertezas à brasileira” do *sobrinho do tio*, contadas por Joaquim Manuel de Macedo, que nos dá a impressão de estarmos vendo um filme gasto e feio, embora atualíssimo.

Devo aqui fazer um ressalva relevante. Não busco uma faceta documental ou meramente sociológica nas narrativas – nem nas modernas, nem nas contemporâneas. Fosse assim, reducionista seria o meu olhar para obras carregadas de criatividade, ficcionalidade, artifício – arte, enfim; um míope olhar que dispensa, ainda, certos aspectos estéticos que singularizam os citados autores e fazem deles respeitáveis, quiçá geniais, escritores. Sequer as crônicas de João do Rio, por seu teor, devem ser lidas como meros documentos (apesar de serem crônicas e, como tais, terem essa característica embutida). Apenas pinchei certos personagens e suas *estórias* com a simples pretensão de ilustrar o ponto de vista teórico aqui defendido, particularizando aspectos sociais que ilustram a *forma de narrar*, mas sem reduzi-los – os personagens e as suas narrativas – a um burocrático tratado sociológico ou mesmo antropológico.

As personagens que compõem aquelas citadas obras possuem o mesmo DNA. Sem adentrar, reitero, na tortuosa discussão que divide a leitura *realista* da leitura *estética*, preocupo-me mais em demonstrar – quiçá, respondendo ao

questionamento cancliniiano – que tais personagens são detentores de uma história; histórias que, de uma forma ou de outra, num ou noutro tempo, podem ser contadas, com ou sem o tradicional começo-meio-fim.

Personagens carregadas de cordialidade, para o bem e para o mal. Uma cordialidade à moda brasileira, marcada pela deformação do íntimo, do familiar e do privado, uma máscara que, explicada por Silviano Santiago, em *As raízes e o labirinto da América Latina*, transformou-se em conceito e é o artifício que se naturaliza. Embalado pelo coração, este sistema filosófico é capaz de estimular e, ao mesmo tempo, negar a mistura e a convergência, como acontece com Noel Nutels e seu “amigo”, no romance de Moacyr Scliar, *A majestade do Xingu*. Personagens *cordiais* e personagens *traduzidos*, há um certo liame entre eles e na narrativa deles. A trajetória de um professor brasileiro que se muda para Londres, e tenta apagar a sua história para ser inserido na história do outro - o *Lorde*, de João Gilberto Noll - sintetiza bem este elo de ligação, revelador das agruras decorrentes das escolhas do homem traduzido ou pretensamente traduzido – frise-se: escolhas, impossível ignorar, feitas sob a nova ordem mundial ditada pelo capitalismo cibernético e *toyotista*. Os efeitos daí decorrentes – a exclusão, a competição exacerbada, o desemprego – não são indiferentes à crise de identidade que marca a contemporaneidade, como vivenciado por Paco e Alex, migrantes de uma *Terra Estrangeira*, filme de Walter Salles e Daniela Thomas – outra forma de narrar o multiculturalismo dos dias de hoje, particularizando a inserção do estrangeiro no país estranho e a busca por uma *casa*.

A conjugação de todos estes fatores expostos nesta dissertação – desde a crise de identidade às formas de narrativas – tem como finalidade levar a uma reflexão sobre a cena pós-moderna, chamando a atenção para outras leituras que podem ser feitas sobre o sujeito contemporâneo, não tão centradas em torno de um homem apresentado como *traduzido* e idealizado por um hibridismo mágico despido das influências do capitalismo globalizado. Leituras, ao revés, que apontem para a emergência das diferenças e das divergências, como forma de hibridação e *transdiferença*, e que não se deixem inebriar pelos embalos eufóricos de um relativismo infinito do fragmento, indiferente aos inexoráveis fatores sociopolíticos que ainda cercam o homem contemporâneo.

São cogitações, enfim, que ambicionam apenas abrir mais algumas portas na infinita construção cognitiva - complexa, dinâmica e criativa - que se mostra tão necessária nos dias de hoje.